

## LITERATURA EM PERIÓDICOS: CAIO FERNANDO ABREU E UMA ANÁLISE DE PEQUENAS EPIFANIAS

**Layz Costa Silva Matos<sup>1</sup>; Alessandra Leila Borges Gomes<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [layzcosta@hotmail.com](mailto:layzcosta@hotmail.com)
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [allexleilla@gmail.com](mailto:allexleilla@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** crônica, periódico, epifania, amor, revelação

### INTRODUÇÃO

Caio Fernando Abreu é um dos escritores brasileiros mais significativos da contemporaneidade. Gaúcho, nascido em 1948, em Santiago do Boqueirão (RS), mudou-se para Porto Alegre em 1963, com a família, mas viveu também em Londres e Amsterdã, entre outras capitais europeias, e se estabeleceu em São Paulo, onde trabalhou como jornalista em várias revistas culturais e jornais do País, tendo integrado a primeira equipe da *Veja*. Faleceu em 1996, vítima de complicações decorrentes da AIDS. Ítalo Moriconni (2012, p. 13) fez a seguinte consideração sobre as crônicas de Caio:

*Caio Fernando Abreu viveu a vida vertiginosa da linguagem do jornal, trabalhada como carta ou comentário muito pessoal. Cronista da metrópole paulista, poeta da frivolidade encenada. [...] Suas crônicas delimitam um território de sensibilidade que cada geração reaparece em nova roupagem, sempre buscando recolher os cacos de alguma experiência radical vivida no passado.*

Sua literatura ganhou espaço não apenas pelo estilo intimista e poético, mas, também, pela abordagem singular que dá aos temas da solidão, homossexualidade, loucura, incomunicabilidade, exílio etc. Dentre as suas principais obras destacam-se: *Limite Branco* (romance, 1971), *Morangos Mofados* (contos, 1982), *Triângulo das Águas* (contos, 1983), *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (contos, 1988) e *Onde Andará Dulce Veiga?* (romance, 1990). Ainda em relação à produção do autor, é importante ressaltar as crônicas escritas durante 10 anos para o *Jornal O Estado de S. Paulo* e os 15 anos em que manteve uma coluna, também de crônicas, no *Jornal Zero Hora*. Dessa vasta produção, apenas algumas crônicas foram selecionadas, em 1997, por Gil Veloso, para compor o livro *Pequenas Epifanias*.

A crônica, gênero narrativo que trata de temas da atualidade, é publicada em revistas e jornais. Em geral, é uma narrativa produzida semanalmente pelo escritor, que apresenta um texto curto, mesclando fatos relevantes e impressões subjetivas. A crônica analisa os fatos com um toque emocional, poético, cujo tom costuma ser leve, num registro coloquial, e é nisso que tal gênero se diferencia, basicamente, da notícia. A natureza da crônica transita entre jornalismo (informação) e literatura (imaginação), por isso, é um gênero que permite ao escritor sobreviver através dela, pois constitui um trabalho com remuneração imediata (semanal ou mensal). Caio Fernando Abreu sobreviveu muito tempo escrevendo crônicas, alinhando-se a uma tradição de grandes cronistas brasileiros, como Rubem Braga, Nelson Rodrigues, Clarice Lispector, Stanislaw Ponte Preta, Jorge Amado, Hélio Pólvora, João Ubaldo Ribeiro, entre outros. O nosso projeto, intitulado *Crônicas – a literatura em Periódicos de Caio Fernando Abreu*, visa mapear essa produção do autor, dispersa em periódicos, objetivando um banco de dados para, posteriormente, analisar a forma e conteúdo dessas crônicas, relacionando-as com fatos e questões relevantes da vida sociocultural brasileira, bem como com a produção e estilo de Caio Fernando Abreu.

Neste trabalho há uma análise da crônica ‘Pequenas Epifanias’, publicada no *Jornal O Estado de S. Paulo*, em 22 de abril de 1986, abordando aspectos vários do amor, do encontro, da questão da necessidade de completude e, apesar de curta, o que fazer com o fim de uma ‘possibilidade de amor’, como transformar isso em motivação para a construção do amor próprio, como convergir o olhar para dentro de si mesmo e se descobrir.

### **MATERIAL, MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

A pesquisa se compõe de três etapas, a saber: mapeamento das crônicas disponíveis no acervo digital do *Jornal O Estado de S. Paulo*, catalogação cronológica e separação por assunto de todas as crônicas publicadas, cujo período compreende 1986 até 1996; leitura e análise do material mapeado; elaboração de artigos com os aspectos socioculturais e literários mais relevantes da produção do autor.

### **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

‘Pequenas Epifanias’ é uma crônica que dá nome ao livro póstumo de Caio Fernando, e trata da reação do autor diante de uma possibilidade de amor. Durante a crônica, dividida em seis parágrafos que sustentam a sequência de situações e sensações sentidas, percebe-se que essa possibilidade de amor não realizada abriu espaço para um sujeito lírico, cuja visão de mundo torna-se mais abrangente frente ao impasse amoroso. O texto é cheio de passagens poéticas que tentam mostrar a descoberta de preciosidades que estavam o tempo inteiro diante do sujeito, porém, escondidas, quase imperceptíveis. No primeiro parágrafo, há a inclusão e exposição do tema central da crônica – uma possibilidade de amor. É importante notar que o narrador está em primeira pessoa, marcando a relação objetiva *versus* subjetiva, típica do gênero.

Expressões como “Há alguns dias” demonstram a presença do acontecido. A opção em registrar *há alguns dias* em vez de uma data precisa demonstra o desejo do narrador de manter o ocorrido numa zona mais vaga, abstraindo as marcas de um *fato*. A crônica seria, assim, o resultado desse acontecido na percepção subjetiva e metafórica do sujeito: “Deus, — ou isso que chamamos assim, tão descuidadamente, de Deus” (ABREU, 1986, p.42)

A citação a Deus revela o componente místico-religioso, uma vez que *epifania* é aparição divina ou manifestação do divino. Neste caso, o sujeito comenta sobre algo que Deus enviou a ele. Esse algo é ambíguo, ou seja, varia entre sentimento, coisa, pessoa ou a própria percepção de Deus.

Até aqui o autor demonstra estar em dúvida sobre duas coisas: sobre o presente que foi enviado e sobre quem o enviou. Pois, ele revela não saber ao certo quem é Deus e também não saber ao certo da qualidade do presente — denominado apenas de *uma possibilidade*. O conceito de Deus é tratado com descuido, como se o sujeito não quisesse entrar nesse mérito, e a visão da possibilidade de amor é ambígua. Além da visão acerca de Deus, o conceito de amor também é tratado de forma velada, como se o autor quisesse e não quisesse, ao mesmo tempo, falar disso. Esse não se comprometer está diretamente relacionado à ansiedade dos grandes centros, o medo da solidão, a necessidade de uma certeza frente aos relacionamentos, aos encontros. Há uma interação constante com o leitor. O leitor sabe a que o autor/eu lírico se refere, porque ele trata de um tema comum a muitos, senão a todos os leitores.

A razão, já no segundo parágrafo da crônica, é deixada de lado, pois os fatores emocionais o conduziram a entrar nessa possibilidade de amor, não houve espaço para

hesitação ou questionamento da vontade, do desejo, porque, antes disso tudo, o sujeito já estava inserido na expectativa de amar. A dúvida retorna, mas não mais sobre Deus e o presente, e, sim, sobre o ir ou não ir ao encontro do outro, querer ou não querer se entregar. Ao mesmo tempo, a imprecisão continua a apontar para o vago: “Não aconteceu quase nada” (ABREU, 1989, p.42), nos diz o narrador.

Quando fala do prazer sentido apenas por detectar essa possibilidade de amar o sujeito se mantém na defensiva, supondo que os leitores associariam essa imagem a todos os clichês relacionados ao amor, ao contato, à relação concreta, por isso, opta por frisar que não aconteceu quase nada. Até esse ponto sabe-se apenas acerca de uma possibilidade de amor, da satisfação em estar ali: “Dois ou três almoços, uns silêncios” (p.42), afirma. Mas são justamente essas referências ao prazer sentido — tanto da presença do outro, quanto da refeição e da união desses dois prazeres em um — que compõem aquilo que o narrador chama de ‘minha vida’, ou seja, a vida é feita da soma desses pequenos prazeres.

Duas vidas cruzadas misteriosamente num cenário de restaurante e a ênfase que é dada ao ato de limpeza do ambiente em que se encontravam, flagra o movimento do garçom que contribuía, conseqüentemente, para a sensação de limpeza interior de si mesmo. Nota-se que as descobertas e analogias são expostas ao leitor gradualmente, permitindo-lhe o conhecimento crescente da situação central da crônica: a possibilidade de amor. Aqui, o conceito de amor está relacionado com a calma, com a ausência de sustos enquanto descobriam-se as magias. Magias, nesse caso, representam o encanto, a fascinação com que se descortina o vivido. No momento de confiança com a outra pessoa, o sujeito “traça esboços” (p.42). Ou seja, projeta algo para o futuro. Não sabendo ele que no futuro (que é o momento presente da crônica) será de “vagas promessas” (p.42). A sensação de proteção através da harmonia proporcionada pela sincronia e encaixe que, outrora, não fazia sentido algum. O outro passava ao autor a ideia de proteção enquanto estivesse inserido no ‘campo magnético’, na presença, do outro. Em seguida, elementos novos surgem: certeza e confiança. A certeza e consequência de estar “dentro do campo magnético daquela outra pessoa” (p.42). Logo, a crônica fala da segurança e confiança do sujeito que narra quando está com a pessoa, sendo essa confiança, porém, quebrada no momento da feitura do texto (narração). Os olhos do outro mostravam uma imagem nova, de outra pessoa, enquanto era questionado, investigados através de pequenas perguntas, sutis e comuns, sobre preferências, gostos pessoais sobre bebidas, refeições e signos, por exemplo. Esboços eram traçados por ambos os lados, traços difusos sentidos pelo tato, consequências da caminhada no terreno desconhecido, escuro e cego da paixão.

O início do quarto parágrafo com verbos no infinitivo pode ser lido como uma nota mental, como uma sequência de deveres e pontos importantes a serem enfatizados na relação que estava acontecendo. As primeiras linhas abordam, ainda, o desejo de permanecer no espaço seguro do outro e não sair mais para as ruas desconhecidas — rua aqui representando caminho, relação instável, insegura. O texto enfatiza o desejo de nunca mais sair do quão confortável e doce é ser correspondido, mesmo em meio ao dia a dia conturbado e das coisas desimportantes que atravancam o coração. Depois, o sujeito começa a ser vítima de consequências naturais que desgastam a sua possibilidade de amor.

A fim de compreender essa diluição frente à epifania vivida, o narrador cita Clarice Lispector e o conto *Tentação* (1998), fazendo referência à estrutura epifânica de muito dos textos clariceanos. O relacionamento é rápido e fugaz (como o olhar do homem e da mulher, na citação de Clarice escolhida). Ou seja, a menina e o cachorro clariceanos são a analogia do narrador e da pessoa com quem ele se relacionava. Assim como o cachorro no conto de

Lispector é levado pelas correntes da dona, o outro, na crônica de Caio, é levado pela vida. Não importa o quanto os olhos do narrador cintilem diante do encanto daquela possibilidade, pois há uma corrente do outro lado e o acorrentado tende a partir.

Há a interação constante com o leitor. O leitor sabe bem da dor tratada pelo narrador. A ideia de uma notícia a ser comentada é deixada de lado, e os fatores emocionais conduzem narrador e leitor a entrar numa partilha, num diálogo. Agora, ambos adentram num elemento novo, a certeza e a confiança de terem dividido uma experiência, e a necessidade de se ver pelos olhos do outro, a importância dessa visão.

Há também o reconhecimento de um momento importante denominado ‘aprendizagem solitária do não-pedir’. Isso é compreendido pelo narrador após a observação despreziosa de um amigo sobre o significado das pequenas epifanias. Aprender sozinho, lentamente, sem pedir; aprender com a vida, no ritmo que ela ditar, com coisas muito pequenas, minúsculas revelações de Deus, preciosas. O sujeito chega a compara isso, inclusive, com uma joia, algo que reluz no dia a dia. A mistura de vidas, o encontro, o olhar do outro sobre a sua vida opaca, atentamente: esse olhar do outro pode ser encarado como uma pequena epifania, depois disso houve o desgaste lento (poeira, tempo, distância) e o autor apresenta, então, as lembranças — lembranças confortáveis que alimentam e acalmam em dias de solidão e fome. As memórias são parte do processo de conforto diante da desilusão, nos dias que, principalmente, eles estariam juntos. O narrador está diante de uma transformação de si, quis mudar, inclusive, o seu modo de fumar, quis se esconder, fugir da rotina, se refazer.

Finalmente, o sujeito repensa a experiência e encontra-se grato porque pôde, ao menos, enxergar uma possibilidade de amor novamente. Isso o faz sorrir, pois é a capacidade de acreditar que retornou e nisso há a felicidade plena, tudo nele está feliz. A lição é guardada, recomposta e zelada. O narrador dedica-se a passar essa lição, burilando-a nos momentos de solidão, nos quais ninguém pode interferir, afinal, ele a considera uma joia, ele transcende a ponto das suas necessidades físicas, essas são minimizadas diante dessa pequena epifania.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

A crônica de Caio Fernando Abreu traz consigo a característica de atemporalidade, um dos pontos de reforçam o seu brilho, talento e eternizam a sua obra. O fato de a crônica ter sido escrita em 1986 não a torna anacrônica, ao contrário, tudo ali dialoga ainda hoje com o leitor, como se fosse escrita há algumas semanas, o que reforça a relação desse gênero com a literatura, pois mistura a linguagem coloquial e o caráter jornalístico ao tom poético, simultaneamente.

“Pequenas Epifanias” eterniza-se através da abordagem de temas universais, como a busca pelo amor, pelo encontro, as expectativas criadas em torno disso e, finalmente, como essa busca pode orientar uma descoberta interna, funcionar como a ampliação do campo de visão e perspectivas, mesmo quando essa expectativa de amar não é alcançada. O que o narrador nos mostra é que tudo é motivação para transcender a realidade, para o crescimento, e a consciência da completude, primeiro em si mesmo, depois, no outro.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, Caio Fernando. *A vida gritando nos cantos: crônicas inéditas em livro (1986-1996)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ABREU, Caio Fernando. *Inventário do irremediável*. Porto Alegre: Movimento, 1970.

\_\_\_\_\_. Pequenas Epifanias. *Jornal O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. 42, 22 de abril de 1986.

Enciclopédia Itaú Cultural Brasileira. Disponível em: <  
[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/index.cfm?fuseaction=biografias\\_texto&cd\\_verbete=5069](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5069)> Acesso em: 14 de agosto de 2012.

LISPECTOR, Clarice. Tentação In:\_\_\_\_\_. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: ROCCO, 1998, p.46-47.

MOISES, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Cultrix, 2002.